

»«»«

Hoje é o dia dos meus anos.

Estou no quarto. Os convidados já começaram a chegar. Vêm testemunhar a nossa garantida felicidade. Já oiço as suas vozes na sala. Tu fazes as honras da casa, como sempre.

Deveria estar feliz, tão feliz como nas outras vezes em que festejaram o dia dos meus anos.

O vestido está sobre a cama. Os sapatos ainda dentro da caixa. Hoje, dia dos meus anos, quiseste oferecer-me uma festa. Exigiste fazer-me esta festa. Hoje faço 30 anos.

Olho pela janela. Deve estar frio lá fora.

Disseste que tens uma surpresa para mim. Mais uma.

De manhã foram as camélias.

Na semana passada, aquela que não quero recordar. Aquela de que te queres redimir.

Olho distraída pela janela. Entras no quarto.

Ainda não estás vestida? Tens que te despachar, esta é a tua festa, todos esperam por ti!

Visto-me vagorosamente. Calço-me. Olho-me ao espelho.

Desço as escadas de acesso à sala e vens-me buscar. Envolves-me os ombros com o teu abraço.

Entramos sorridentes na sala. Tu de escuro, eu num vestido escandalosamente vermelho. Tens uma camélia na lapela. Eu uma camélia no decote.

À frente de todos, mostras-me, exuberante, a surpresa. É o presente de aniversário. Ajudas-me a retirar o papel de seda e abres a caixa forrada a veludo, depois olhas-me à procura de um sinal do meu agrado. É um belo colar de ametistas que colocas sobre a minha pele. Um brilho roxo e profundo cinge-me o pescoço. Também o colar negro era belo como este, mas quebrou-se, como se quebrou a bela memória daquela noite frente ao Bósforo, quando, delicadamente, o colocaste no meu pescoço. Um frio negro escurece os meus

olhos. Abraças-me. Escondo o desgosto no teu ombro. Depois exhibes-me com o colar posto.

Os convidados sorriem gratos da nossa felicidade. Que mulher de sorte sou, pensam. Quero dizer qualquer coisa simpática, conveniente, mas tenho a garganta ferida, trespassada por arames. Sorrio. As tuas mãos nas minhas costas. Protetoras. Guardiãs de preciosos tesouros.

A música começa a tocar, outra surpresa. Tu sabes como agradar-me, tu sabes como gosto de dançar.

Vais-me buscar. Pegas-me na mão. Puxas-me para ti com a brusquidão que o tango exige. Estamos no centro da sala. A voz de Gardel ressoa ritmada e poderosa. Estamos parados, à espera. É a marcação inicial. Não há gestos, não há palavras, só uma expressão séria nas nossas faces. Olhamo-nos nos olhos. Gravemente. É uma encenação dramática. A pausa expectante que enche a sala. Estamos sós nesta dança, só nós. Dois corpos abraçados. Já não há pessoas à nossa volta.

O jogo de sedução começa.

Deslizamos sintonizados pela sala numa volúpia de glória e paixão. Numa volúpia de morte.

A sala brilha, fulgurante. É nos teus braços que me encontro. Somos intérpretes de um duelo. Um homem e uma mulher que se movem em ritmo sincronizado. As pernas e os braços impõem uma nova ordem através dos passos, da cadência, das pausas, dos movimentos do corpo. A linguagem musical feita linguagem corporal. Somos dois corpos abraçados, tu o condutor, eu a conduzida. Paradoxal.

Estou nos teus braços. Estou nas tuas mãos. Conduzes-me e eu respondo.

Sigo-te por onde fores porque é o momento de dançar.

É o momento de improvisar, continuamente e a cada instante. Os nossos corpos conhecem-se no aperto do abraço, na absoluta e criativa liberdade das pernas, num jogo de astúcias permitidas. O jogo por excelência.

Prosseguimos alternando estados de imobilidade, de tensão, de movimento. Enfrentamo-nos em desafio.

Será que ainda dançamos ou subimos já ao lugar dos deuses.

Tempo de sortilégios feito de sequências magníficas. Como o momento em que o teu pé se levanta antes de voltar a pisar o chão. Atrasas o impulso de dar o

passo seguinte e vais deixá-lo ficar suspenso, um instante, uma eternidade. Logo a seguir apressas-te. Nesse instante, quase impercetível, a máxima agilidade, a suprema tensão. A leveza dos passos exhibe-se na demora, no momento que suspendes. Apoias o corpo nesse pé num equilíbrio quase impossível, dançando.

Recebo e aceito esse impulso que me transmites para me deixar levar e me lançar na dança que desenhas a cada instante e improvisadamente para mim. Sugeres-me, indicas-me o caminho e eu sigo, voando o meu próprio voo. O primeiro passo é teu e eu sigo-o obediente, mas tu sabes que esse passo o dás porque escutas o meu corpo e aceitas a sugestão discreta que te ofereço. O nosso corpo lado a lado com a beleza. Com a vida.

E já não sei das minhas lágrimas. Ficaram pelo caminho, engrossando as sargetas e as ribeiras em direção ao mar. Porque a excelência deste momento toma-nos sem equívoco, sem cortes, sem fissuras. Morada perfeita onde nos acolhemos. Nela nos dissolvemos e nada mais existe, nada mais desejamos. Aqui somos de matéria pura e cristalina, tu e eu.

Dançamos torneando a sala e os movimentos sugeridos por mim exigem uma atenta escuta de ti. Rodamos improvisando cada passo. E o risco da improvisação é o risco do jogo que jogamos a dois, onde eu crio e onde tu crias. Inventamos o mundo aqui e agora, buscando-nos desesperadamente. Um homem. Uma mulher. A busca do abraço. Agrada-me ser levada por ti, sedutoramente. Agrada-te lewares-me seduzida.

É assim no tango.

Os corpos abraçados, em sintonia num duelo dramático de máxima tensão e equilíbrio. Os teus pés dizem-me o que queres de mim. O que faço a seguir é jogar contigo o nosso jogo. É preciso que me conheças, é preciso que eu te conheça. É preciso que me conduzas, é preciso que eu saiba ser conduzida.

Agora levas-me, pausadamente, num ritmo muito lento. Distancias-te de mim. Os gestos fortes, mas comedidos inauguram um duelo entre nós, uma luta. Olhamo-nos como inimigos. Medimos forças antes do embate direto.

Uma luta viril inteira de poesia. Olhamo-nos fixamente. Encaramo-nos num círculo de fogo, prontos para o golpe final.

A violência do momento obriga-me a recordar. Abro a porta do nosso quarto. A mulher, o meu colar negro no seu pescoço. E a mulher a vestir-se lentamente. Quase a sorrir.

Muito depois, queres abraçar-me. Choras. Choro contigo até esvaziar os meus olhos.

E enches a casa de camélias. Cinquenta ramos de camélias vermelhas cor de sangue, como convém.

E exiges comemorar o dia dos meus anos.

E uma voz aflita parece sussurrar-me das entranhas um segredo qualquer.

E o ritmo da dança alterna-se, adiantando e atrasando o tempo do compasso. Depois a suspensão do movimento que se vê retardado, travado, para logo pisares com firmeza o chão. É a música que o ordena.

Imobilidade. Pausa súbita. Repentina. Seguimos noutra direção.

Seria impossível permanecer. Acordámos todos os monstros.

A fúria olha-nos de frente. Chamo por ti, mas não me ouves.

Improvisas, gloriosamente.

És um jogador virtuoso, exímio na arte da simulação. Agora, um passo explosivo, inesperado, uma ilusão. Enganas-me deliberadamente, queres convencer-me da verdade dos sinais que me envias, escondendo-te num silêncio impune.

A minha derrota será a apoteose da tua farsa bem urdida. A habilidade dos pés, a competência da anca num jogo de harmonia e equilíbrio. Com os giros do corpo provocas-me, seduzes-me num jogo de atração fatal. Os pés jogam silenciados no encontro do abraço, num movimento controlado carregado de tensão e destreza. Tudo para que a dança não pare.

Como um vício. Como uma conversa silenciosa.

Vês, sou tua cúmplice.

Na boca a camélia, tão vermelha como o vestido

Dás-me ordem para continuar, mas afasto-me num movimento brusco de inesperada revolta.

Acabou a dança.

Olhamo-nos. Desesperadamente.

Desfolho a camélia vermelha e como-a com inusitada lentidão. Pétala a pétala.

»«»«